

JORNAL

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

MODAS



E' interessante entrar e observar por algum tempo a immensa officina da casa Barat, nestas semanas que fazem consecutivamente as vespersas de um baile de primeira ordem.

Já vistes, querida leitora, esta officina?

Oh! vale a pena ver.

As sedas, os filós, as rendas, os blondes, estão de mistura por cima de um extenso baleão semi-circular, e desdobrados ao mesmo tempo em ondas de seda e rendas multicores: o pontear veloz das diligentes costureiras; umas pespontando e guarnecendo corpinhos, que gradualmente se vão formando tão bellos e elegantes, como se fossem talhados e feitos sobre um modelo vivo; outras, recolhendo destas ondas multicores aquella que lhes foi destinada pela habil regente, vão passando o *aliviavão* aos pannos das saias dos vestidos, os quaes se figurão com uma rapidez incrível. Lá está em logar distincto Mlle A... talhando os enfeites, ensaiando ora

uns, ora outros, sobre esta saia, sobre aquelle corpinho, consultando as disposições dos volutes e das rendas; e, antes de effectuar, lá vai consultar o oráculo do bom gosto, a fada interprete das modas, que determina, que explica suas ordens; dá seus detalhes; e, com um simples lançar de seus olhos amestrados, tudo prevê, de tudo cuida, de nada se esquece.

E' um gosto ver tudo isto; ver esta confusão de rendas e sedas, estes mil enfeites espalhados que parecem perder-se por entre si mesmos, esta actividade, esta ordem, este luxo em massa que ás mãos da artista se desenvolve coruscante; e vai brilhar nos salões em formas diversas combinado!

Algumas horas mais; e as sedas e os enfeites em confusão, que á meus olhos parecião inqualificaveis, desapparecerão! Elegantes vestidos estão promptos agora. Eil-os cautelosamente estendidos por sobre os aveludados divans do teu-

gador reservado.... Já lá vão, já lá vão elles, escada abaixo, nas quadrilongas caixas de folha a serem entregues ás elegantes senhoras, que de impacientes já não podem mais esperar.

Foi nesta officina, querida leitora, que vi um lindo e riquíssimo vestido de seda azul clara, recamado de ouro, e do mais perfeito talhe e modelo. Preparava-se com tanto cuidado, como se pelas mãos das costureiras passassem as sedas imperiaes da toilette de uma soberana adorada, cuja bondade fosse um dos seus melhores aademas.

Não me enganei.

A attenção e o esmero que, ao distribuir os bellissimos enfeites, M.^{me} Barat applicava á este nobre vestido, convencerão-me, apesar do segredo espiritualmente guardado por ella, que o vestido era um dos que S. M. a Imperatriz mandára fazer para ir ao baile do *Cassino Fluminense*.

Vi tambem outros nesta occasião que se preparavão para o mesmo baile; mas reservo a publicação para o domingo seguinte.

Dizia eu que este baile seria tanto ou mais concorrido que o baile passado, e não me enganei: as primeiras modistas estão exclusivamente occupadas com *toilettes* de grande rigor para essa noite; e o — você vai ao *Cassino*? — que de muita moça bonita tenho ouvido, ainda mais me convence que teremos uma noite de gueantos.

Ah!... Se muitos dos elegantes tambem renovassem as frases ensossas e frequentes dos seus já conhecidos cortejos e lisonjas... avançaria ainda mais, diria que o espirito e a graça reinarião por todos os salões do *Cassino*; mas, como não tenho certeza, nem ha alfaiate que talhe esta qualidade de fazenda, resignemo-nos a vê-los com as mesmas vestes todos os dias.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

N.^o 1. — Touca composta de tafetá e filó de seda, recortado e em lófinhos, guarnecida de blond; bridas ou pontas de fita de tafetá recortado.

N.^o 2. — Corpinho, em fôrma de jaleco com basquine, de mosselina bordada á crochet, enriquecida de guarnições de valenciana.

N.^o 3. — Touca de filó de seda, enfeitada de fita de gaze estreita; guarnição recortada entremeciada das mesmas fitas de gaze.

N.^o 4. — Camisinha *mousquetaire* em applicação, com babadinho encrespado em fôrma de couchas, e presas no meio por um laço de fita de tafetá azul guarnecendo a abertura de cima abaixo.

N.^o 5. — Camisinha *impératrice*, de mosselina, com entremeios bordados em valenciana, guarnecida de valenciana encrespada em volta do collarinho, e em toda a abertura em vez de babadinho.

N.^o 6. — *Guimp-gilet* de mosselina bordada em relevo, guarnecida de duas ordens de valenciana.

N.^o 7. — Manga *mousquetaire*, tendo um alto revezo composto de entremείο bordado e de valenciana, terminando no punho com uma estreita valenciana.

N.^o 8. — Manga *duchesse*, de punho de fôfo e guarnições bordadas em relevo e valenciana.

Cattete, 22 de Outubro.

Christina.

O baptismo de um Indigena.

FACTO ACONTECIDO NA ALDEIA DE S. PEDRO DE ALCANTARA DAS FERRADAS.

Morci algum tempo no hospicio dos capuchinhos desta cidade, e ali nas minhas horas de recreio muitas vezes me intretinha com o Rev. padre Ludovico de Liorne, esse homem que depois de 52 annos passados com as hordas indigenas dos Cumacans e Buticudos, 52 annos de zelo a prol daquelles infelizes, achava-se então no hospicio: ou fosse sympathia ou fosse a admiração que consagrava ás suas virtudes, o certo é que encontrava eu um fundo de edificação em sua conversação que não a trocaria pelo mais celebrado divertimento: — um resumo completo de todas as virtudes era o que transudava da conversa do veneravel anciao. Um dia travámos conversa sobre os Indigenas com quem havia elle vivido no meio das florestas. O digno velho fallava com animação, e seus olhos brilhavão como se fallasse de filhos. Foi nesta occasião que me relatou elle o seguinte factó extraordinario que entrego aos leitores para formarem o juizo que lhes approuver.

« Era nos primeiros tempos da minha chegada aos *Illics*, me disse o venerando sacerdote, e eu

principiava apenas a acostumar-me no meio dos Cumacans, tribu com quem me havia mais relação. Achava-me feliz! aquella gente simples me amava, eu os attrahia para o rebanho que pretendia ali formar, e folgava de os encontrar doces aos meus avisos. Chamavão-me 'seu pai, e esse nome sagrado, além dos dictames da Religião, me instigava a mais anal-os como um pai ama a seus filhos.

« Um dia oito ou nove Cumacans me vierão pedir licença para se embrenharem, em busca de mel e caça. Comquanto em temesse que elles por lá se ficassem entre os seus, que também por lá andavão, não podia contudo negar-lhes o que me pedião. Oh! mal sabia eu, que tão aquellas ovelhas em busca de outra que andava perdida no meio do sítio da montanha, só á espera de uma mão amiga que á conduzisse ao aprisco! Mas elles partirão, e por lá andavão á mais de quinze dias, sem que delles houvesse noticias.

« Uma laçla manhã (pois, se ha cousa digna de vêr-se e magestoso, é o acordar do dia no meio de uma floresta virgem e secular), ao sahir da choupana que para mim havia formado, encontrei-me cara á cara com um maucebo Cumacan, robusto e bello como devem elles ser. Seus cabellos gróssos e lustrosos lhe pendião pelas costas; uso da sua tribu; sobraçava flecha e arco; tendo no rosto o riso; mas não um destes risos communs, e sem expressão, alguma cousa mais havia no riso do moço indigena. Ao vêr-me, correu para mim, e em sua lingua, assim me fallou.

— Orogilon, é verdade o que me disserão, que ninguém pôde ser amigo de Deus sem molhar a cabeça?

« Uma tal pergunta me confundiu. Inda nenhum Cumacan tinha encontrado que me fizesse esta pergunta. Entre-admirado e confuso eu lhe respondi:

— Sim, meu filho, para que Deus seja nosso amigo, é necessario aguar na cabeça.

— Oh, retrucou o Cumacan espantado, tinham razão os meus amigos que forão lá dentro e que isto me contarão. Orogilon, eu quero ser amigo de Deus, quero aguar na cabeça.

« A mansira por que se expressava o indigena era fora de todo o natural. Eu levantei os olhos ao Céu e bem-disse aquelle Supremo dominador, que assim tocava o coração daquella selvagem!

« Desde este momento considerei-o meu filho predilecto, e o trouxe para minha casa. Suas instancias para receber o sagrado baptismo, todos

os dias erão maiores, e muitas vezes bem me custava o não acceder a ellas; mas eu não o podia fazer sem que primeiro instruisse aquelle escolhido do Senhor nos rudimentos da doutrina christã. Também temia que me não fugisse ao depois, como muitos o'havião feito; que se os tivera eu baptisado, christãos, se irião de novo á sua vida selvagem e aos seus silvestres costumes.

« Assim caminhavão as cousas, quando a saude do selvagem se começou a alterar. Não era cousa de cuidado, e eu nem de leve suspeitava a sua morte. Comprazia-me de ver as suas reiteradas supplicas de baptismo e as exclamações de dor e sentimento que fazia á vista de uma imagem do Senhor Crucificado, que lhe havia eu dado.

« Uma manhã ao preparar-me para celebrar o Santo sacrificio da Missa, me vierão dizer que o maucebo me chamava. Corri a elle: ao ver-me, segurando-me no habito, pforompeu em novos rogos, em fortes instancias do baptismo, porque, me dizia o coitado; queria ser filho e amigo de Deus.

« Não pôde mais vencer-me: lembrava-me das doutrinas de S. Paulo, e julguei, que os caminhos por que Deus conduziu aquelle selvagem ao gremio de sua Igreja erão extraordinarios. Depois de fazer-lhe algumas exhortações sobre o Sacramento que ia receber, eu lhe administrei o baptismo. Oh! como o recebeu elle! de joelhos, abraçado com a imagem do Salvador, e com os maiores signaes de consolação! Beija-me as mãos dizendo-me, cheio de contentamento:

— Agora sim, Orogilon, agora sim, já sou filho de Deus, já sou amigo de Deus.

« Queria mesmo acompanhar-me ao Santo sacrificio, mas como havia estado indisposto, deixei-o em companhia de outros, já mais civilisados, inda que menos doces. Eu lhe havia posto o nome de Manoel. Achava-me tão feliz por aquella aquisição para o seio da Igreja, que corri aos altares á render graças a Deus de me haver levado ao meio daquella gente tão boa, tão simples, e a quem amava de coração.

« Tinha a Missa chegado ao lugar da elevação, e o Senhor se achava em minhas mãos sob a fórma do pão. Os meus selvagens ali estavão de joelho... quando ouvi um rumor surdo entre elles, de palavras e movimentos. Acostumado como estava, com elles, julguei que talvez fosse algum viajante que por ali passasse, ou outra qualquer cousa. Continuei a Missa, e ao finali-

sal-a, fui a despir-me das sagradas vestes, quando uma selvagem acompanhada de outros, chegando-se a mim, disse:

— Orogdon, Manoel morreu.

— Morreu!?... exclamei eu, confundido pelos altos juízos de Deus, como morreu?

— No momento em que se levantava o calis, Manoel morreu.

« Foi tudo o que me disse a selvagem. Corri ao lugar onde o havia deixado, e qual o espectáculo que presenciáram meus olhos?! O mancebo Cumacau estava reclinado sobre o leito que lhe havia eu dado. Seu semblante placido e sosegado parecia antes adormecido naturalmente do que sob o domínio da morte. Os braços cruzados sobre o peito apertavam a Imagem do Salvador.

« Confesso, meu filho (assim me chamava o veneravel ancião) que forão tantas as considerações que me assaltáram neste momento, que achei-me confundido sem saber o que pensasse! Aquelle selvagem havia por certo ido gozar da bemaventurança eterna, e mais de uma vez lhe tenho pedido que interceda por mim. »

Tal foi a narração que me fez uma noite o veneravel padre Ludovico de Liorne: — ella me impressionou tanto que toda a noite pouco dormi. Ah! dou-lhe publicidade: os leitores que ajuzem.

(T. C.)



POESIA.

EU ANO TAMBEM.

Vem cá, não me fujas, gentil feiticira,
Donzella formosa,
Escuta o que guardo contente em minha alma,
Minha alma ditosa.

Recias que eu faça tua face morena
De pejo corar?

Não temas, que eu quero sómente um segredo
Do peito soltar.

E ella que o pejo mais bella tornava
P'ra mim se chegou,
Parou seu correr, e attenta e risonha,
Risonha escutou.

Donzella, eu te adoro, bem como a mequina
Conchinhas do mar;
Bem como a florinha da brisa do prado
Do beijo o roçar.

Bem como o regato correr entre seixos,
Correr entre flores;
Quando ellas se inclinão, querendo beijal-a
Perdida de acores.

Mas ella, tão bella, tão terna e tão meiga
Não mais quiz ouvir.
Sorriu-se; e mais leve que a leve avosinha,
Tornou a fugir.

Fugiu; mas ao longe tristonha voltou-se,
Voltou-se meu bem;
E o echo saudoso me trouxe esta frase:
— Eu amo tambem.

S. Paulo, Junho de 1855.

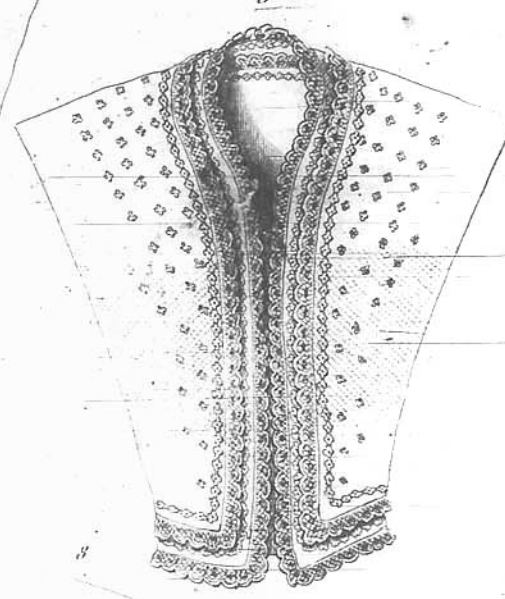
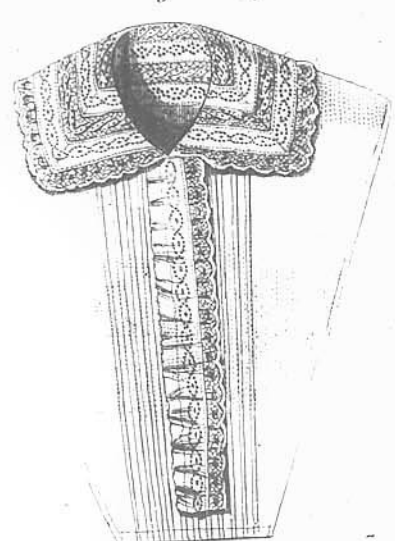
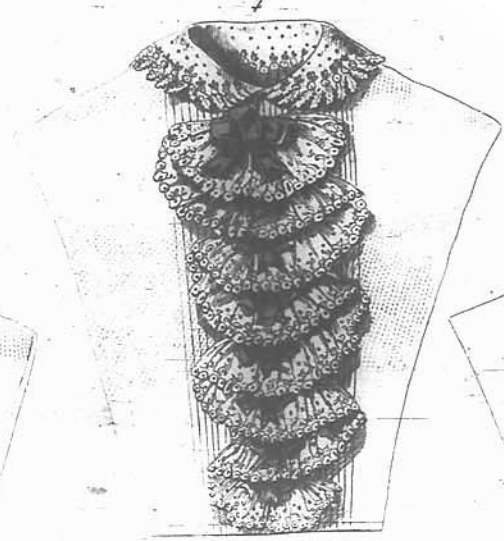
Ferreira da Silva.



Os amores de uma creatura barriguda.

Estamos em uma linda manhã, de Maio, tão bella e tão fresca, que de igual ha muito não existe lembrança.

— Sabhado é o dia da semana; — e as dez horas tinham batido nos campanarios da cidade. Isabel Rolivan é uma elegante dançarina da opera, bonita, engraçada, frequentadora do grande mundo *coquette*; — tem cabellos pretos, alvos hombros, uma boca onde de continuo voltea um desdem seductor, os olhos azues, porém muito expertos, e sobretudo a que mais a faz encantadora no palco é um pernilho tão bem feito



LE MONITEUR DE LA MODE

Marché Supérieur de la Maison Colas, rue Croix

Rue Richelieu 92 à Paris

e tão gentil, que melhor chamariz-nunca houvera no theatro para oculos e lunetas.

Esta jeldade dos bastidores mora em um primeiro andar da rua das Flores, n'uma casa onde o luxo e a riqueza brillão com tanto esplendor, que facilmente se poderá tomar por habitação de um grande de embaixada.

Voltemos á historia. Nesse dia de rosas, como estava dizendo, Isabel havia-se levantado da cama, e achava-se no seu *boudoir*, recostada no fofu divan, com os pés enterrados no felpudo tapete, o cabello contido por uma coiffa de froco azul, o corpo envolvido n'um comprido roupão de veludo escarlate, unicamente seguro por um cordão de seda á cintura.

Engolfada em garridas lembranças, e respirando as essencias aromaticas de mil especies que emanayão do enfeitado gabinete, foi despertada pela maliciosa aia, que abrindo de manso a porta disse a meia voz:

— O Sr. Thomé Pernil... pergunta se lhe é permittido fallar-vos.

— Depressa mandai-o entrar para aqui.... Muito folgo que vieis... estava suspirando por uma distração... Não podia vir em melhor instante... ahl... ahl... dizia riudo a bailarina, e cobrindo o niveo peito de encaixos com um grande chale de fina caça transparente.

Não tardou muito que o Sr. Thomé Pernil apparecesse á porta do *boudoir* de Isabel; representa um homem de seus cincoenta annos *bem puxados*, de estatura baixa, gorda, de cara upada e vermelha, tendo na face esquerda uma excrescencia mamillar com dois cabellos retorcidos, o pescoço parece afogado em uma grande papeira, que o impossibilita de usar gravata, — os olhos quasi verdes, o nariz de cavalleto com as ventas bem sortidas de tabaco, uma bocca rasgada, deixando patentes os dentes podres, uma barriga com formato de balão, umas pernas arqueadas, — e este todo podia formar o typo para uma classe de *estupidos*....

Relativo ao traje, o Sr. Thomé Pernil não era de maior apuro: — um chapéo de castor lustroso com as camadas de suor de dous estios, — a casaca de merino lãstante usada com a sua gola de veludo repassada de cebo, — um collete curto de *grisado* — umas pantalonas soffivelmente coçadas, onde viuhão desançar numerosos sinetes, que ao menor movimento do seu proprietario começavão a traquilar, — e no peito costumava trazer um avultado alfinete, representando uma cornucopia cheia de esmeraldas.

Mas não é o habito que faz o monge; em compensação desta falta de elegancia physica, o Sr. Pernil é um homem que come por meia duzia, — muito apaixonado de empadas com salchichas — muito bem estabelecido com um armazem de presuntos de Lamego, á tcheca Velha, vendendo por grosso e miúdo — apesar dos seus collegas lhe chamarem a *creatura barriguda*.

Ao entrar no *boudoir* de Isabel, o Sr. Thomé curvou-se tanto quanto lhe permittiu a sua bojudia pança; — collocando no toucador um lindo estojo de marroquin, com que vinha atassalhado, sentou-se em uma cadeira á voltaire, e

arfando de cansado começou com o seu leaço encarnado a limpar a cara, que vinha a correr em suor.

A dançarina, á entrada do negociante de pernas de porcos, levantou-se, arqueando o braço direito, empertigou o corpo, alquebrando ligeiramente a cintura, e descrevendo com a perna um quarto de circulo, deu uma engraçada pirrocta. — Depois deitou um volver d'olhos ao estojosinho; e ao voltar-se para o Sr. Thomé Pernil começou a rir.

Fatalidade!... O Sr. Pernil tão atalhoado vinha; e, na pressa á que se deu em enxugar a fronte, não reparou para o leaço, que estava tão emporcalhado com as assoadellas de tabaco, que deixava pelo atrico a tez cheia de laivos amellados. O homem tomou a riso da sua bella devido á sua abundante transpiração, e redobrando os esforços do leaço pelo rosto, foi-se tornando cada vez mais escuro.

Isabel continuava a rir, fazendo que o Sr. Thomé se atarantasse mais; e como a enorme barriga lhe impedia ver os pés — principiando a desconfiar de tanto rir, — foi sacudindo a piceira dos sapatos.

As risadas da bailarina erão cada vez maiores.

Então elle — já meio desconfiado — tomou uma expressão carrancuda e de arremego.

Mas Isabel não era mulher que tivesse medo de caretas, e as suas gargalhadas erão tão altas que se ouvirão da rua.

O Sr. Thomé, vendo não lhe ser possível pôr cõbro áquella hilaridade, levantou-se — completamente desconfiado — estendeu a mão ao nutado chapéo; quando ella, receiando que o caso se tornasse serio, o tomou pela mão com todo o catitismo, e conduzindo-o perante o espelho, aguardou o desfecho deste incidente grotesco.

Muito difficil seria pintarmos a admiração e os tregeitos que a *barriguda creatura* fez ao ver-se transformado em castanho. Com o espanto de um pulo para atraz, e indo esbarrar no lavatorio, deitou ao chão um bonito jarro de custosa porcelana, que se espelacou sobre a esteira.

A bailarina achou a occasião opportuna, correu ao toucador, e abrindo o estojo sobresaltou-se de alegria com a vista de uma rica pulseira de brillantes, sechou-o depressa, dizendo para o Sr. Thomé n'um roquebro de ternuras:

— Meu rico amor, não vale a pena que vos amofineis, a perda é de tão pouca val a....

O Sr. Pernil não a deixou acabar, achou esta observação muito a proposito, limpou a baba ao canhão da casaca e caiu de joelhos aos pés da bailarina, que lhe deu a mão a beijar — por muito especial favor ao bojudu pretendente.

Passemos em claro as ternas palavras da *creatura* que as leitoras bem podem fazer idéa a corja de asneiras que serião.

Feitas as pizes, havião-se sentado juntos no divan: o Sr. Thomé tinha agarrado uma das mãos de Isabel, e de quando em quando, levantando a bocca, derramava-lhe beijos á duzia com alguma saliva de mistura. — A dançarina entalava o beijo para não rir, e a criadilha, por entre a cortina da porta, fazia-lhe certos signaes com os dedos.

Pouco depois, a tal barriguda creatura lançou mãos dos inquietos sinetes, arregaçou o collete, e, puxando-o para cima, dep' á luz uma avultada *fabrica de horas*, onde atravez de um vidro aspero e escuro se distinguão uns ponteiros marcando meio dia.

— Já meio dia!...
— Estais hoje muito apressado!...
— A's duas horas tenho que ir despachar oito canastras de presuntos... E' por isso que não quiz... sim, que não quiz retardar o gostinho de offerlar-vos aquella ridicula lembrança...

— Como sois amavel!...
— Deverás! Ora... qual! parece-vos?...
— Valeis muito mais que um rapaz...
— Pois isso é verdade!... pergunta o presunteiro dando ao corpo uma postura de affectação.
— Sois pessoa de muito peso...
— Lá nisso posso me gabar... tanto perto de nove arrobas...

— Amanhã é domingo, aquella pulseira ha de dizer muito bem!... exclamou a dançarina n'um enthusiasmo de garridice...

— O' lá!... agora, por isso, quem era aquella talhada que no domingo passado vos fazia aquelles rappés, todo franchinote e espivitado?

— Era Jayme...
— Talvez... qual talvez, é um dos vossos adoradores, não é isto? perguntou o Sr. Thomé em um tom carregado, e arregaçando os punhos da camisa, como preparando-se para uma luta de soco.

— E se fosse meu adorador?
— Se fosse um dos taes, era capaz de...
— Capaz de que?
— Capaz de o matar.
— Seria então bem feliz se tal ousasseis... observou a gaiata fingindo uma cara de soffrimento.

— Que é lá isso! Causar-vos-hia prazer, meu aguiño?... Então é elle...

— Um homem terrível que pretende obrigarme a amal-o.

— Uma bala que o atravessasse! E' um atrevimento! E vós?...

— Detesto-o... aborreço-o!
— E' um homem de mãos ligadas!

— Já têm morto em duello tres adoradores meus...

— (Mão!) Está visto que é algum grande assassino disfarçado... observou o Sr. Pernil encoberto-se involuntariamente nas folhas aluofadas do divan.

— E de que terrível maneira... acrescentou a bailarina com accento d'irado.

— Ao soco?
— Peior!
— A' espada?
— Peior!
— A' pistola?
— Ainda peior!
— Esgana-os?...
— Oh! não podeis adivinhar... E' com um terrível chicote... murmurou ella com tom sinistro.

— E está!... Pois com um chicote matao-se tres homens?!
E o Sr. Thomé espantou-se todo.

— Ouvi: o chicote que Jayme costuma usar em duello é feito da pelle de um peixe... a cada chicotada fica no corpo do adversario um golpe profundissimo!...

— E as autoridades não têm perseguido esse feroz picador de gente?...

A porta do gabinete foi arrebatadamente aberta, e á ella assomou Jayme vibrando um liúdo elicotinho.

— Ah!... fez a creatura barriguda; tornou-se tão branco como alvaide, e encucando Isabel com uma carantonha de medo e exprobação, disse:

— Isto, senhora, é...

— Bom para quem tiver vontade de rir, atalhou a bailarina dando uma estrondosa gargalhada.

Jayme era o genro do Sr. Thomé Pernil!!!!...

Augusto Aragão.

Uma tradição popular.

Existe na ilha de Bergen, segundo a opinião do povo, uma multidão de pequenos espiritos que habitão o interior das montanhas. Uns são brancos e de natureza benevola, outros pretos e muito máos. Tem uma morada resplandecente de prata e de crystal e a paixão vida alegre. A's vezes abrem a porta da montanha e vão correr pelos campos. Se nessas excursões um anão perde algum dos objectos de que usa diariamente, como por exemplo, um pequeno bonet com cascavel ou um dos seus sapatos de vidro, cumpre resgatal-o, custe o que custar. Um camponez, chamado João Wilde, resolveu surprender um desses pequenos entes de que podia esperar uma fortuna lateira. Sabiu á meia-noite levando um frasco de aguardente, e deitou-se no declive da montanha habitada pelos anões, e ahi ficou em perfeita immobillidade, fingindo estar ebrio. Um momento depois chegam os anões, que, vendo este homem estendido no chão, passam sem receio diante d'elle, e vão dançar ao luar. Mas João Wilde avista um que acalava de deixar cahir um sapato, arremega-se logo para o precioso calçado, toma-o e vai-se. No dia seguinte, o anão disfarça-se em mascate e vai á casa de João Wilde para comprar-lhe o seu sapato. O astuto camponez o reconhece, despreza os preços offercidos pelo falso mascate, e finge que quer ficar com o sapato. Enfim, o desgraçado anão, desesperado, pergunta-lhe quanto quer pelo sapato, e João Wilde restitue com a condição de achar um ducado em cada sulco que fizer com o arado. O ajuste está feito. O anão volta para a sua montanha; o camponez corre os seus campos. Guia confiado tremula de alegria a relha do seu arado, e no fim do primeiro sulco vê brilhar, a felicidade! um bello e novo ducado. Todo o dia lavra o seu terreno e todo o dia colhe ducados. Volta nos dias seguintes e trabalha desde o alvorecer até á noite. Compra os mais vigorosos cavallos e os excita sem cessar. Mais ducados tem, mais

quer ter; e anda, cava e lavra continuamente. Nada de descanso, de paz, de alegria; um unico pensamento o occupa, o desejo de ter ouro, sempre ouro e mais ouro. Enfim, tanto trabalho, que um dia cahiu morto de fome e de fadiga; mas achou-se o seu quarto cheio de ducados. Pelo que os seus parentes mandarão por o seguinte lefreiro na sua sepultura

Aqui jazem os restos mortaes de João Wilde ambicioso que se matou por dinhe ro que fez rico ao seu herdeiro e muito mais ao testamenteiro.

O que é humildade?

A humildade é a voluntaria aceitação ou consentimento do lugar que nos foi assignalado na gerarchia dos entes; é a posse de si mesmo com a moderação igual ao que se vale, e que nos deseea ao que nos não vale. O orgulho tendia para subir; a humildade procura descer. O orgulho envolvia a inveja da superioridade; a inveja da igualdade, o desprezo da inferioridade; a humildade contém o amor e respeito da superioridade nos que a Providencia fez nossos superiores, o amor e respeito da inferioridade, não só nos que a Providencia fez nossos inferiores, mas até em nós mesmos e de modo absoluto. O orgulho aspirava a ser o primeiro, a humildade aspira ao ultimo lugar. O orgulho queria ser rei, a humildade quer ser servo. Sentimento incrível, que até não tinha nome na lingua dos homens, e que criou um nome, uma historia e gloria! Digo gloria, porque não julgueis que a humildade intente abaixar-vos, mas sim elevar-vos; doutrina alguma pretendia exaltar a alma humana, mais do que a doutrina catholica; nenhuma outra propoz ambição maior e mais extraordinaria. Não trata senão das suas origens e fins divinos; substitue por ella a eternidade á immoralidade; dá-lhe Deus por irmão e o Céu por patria; por si mesmo inspira tão profundo respeito, que o menor afastamento da rectidão e da consciencia lhe causa horror, e que de balde procuraria viver tranquilla, quando a mais leve mancha compromette o esplendor da sua pessoal dignidade.

Lacordaire.

Fecundidade dos insectos e dos peixes.

Pelos exemplos que vamos apontar se pôde bem fazer idéa da immensa fecundidade da natureza, e da abundancia com que ella faz reproduzir os entes que estão expostos á maior destruição.

Um escorpião produz 65 filhos, uma mosca ordinaria 140 ovos, uma sanguexuga 160, uma aranha 170; vi uma *hydrachna* produzir 600, e uma tinnia 1,700; o insecto da sarna põe 5,000, uma tartaruga 1,000, uma rã 1,100, um *shrimps* (camarão) 6,000, e acháram-lhe na parte que se toma pelo ovario 10,000. Um naturalista contou 12,000

n'uma *écresise* (lagosta d'agua doce), outro contou-lhe até perto de 2,000. Um insecto, a suntilha, semelhante a uma formiga, põe acima de 80,000 ovos em um só dia, e Leuwenhoek diz ter calculado 4,000,000 de ovos em um earangueijo.

Muitos peixes produzem um numero incrível de ovos. Mais de 36,000 se contarão em um arenque, e 58,000 n'um peixe-rei, 1,000,000 em um linguado e 1,000,155 em um tuivo. Mas de todos os peixes conhecidos, o bacalhão parece ser o mais fecundo: um naturalista teve a pa-xorra de contar 8,000,682 ovos n'um bacalhão; outro 9,000,616; outro 9,000,000. (*)

(*Revista dos dous Mundos.*)

CHRONICA DA QUINZENA.

Dia 9. — Bailê da popular *Thalia*. Os *Dous Renegados*, no theatro de S. Pedro. A *Escrava Andréa*, em S. Francisco. Festa do glorioso S. Benedicto, na igreja de Nossa-Senhora do Rosario. Lua no tropico do N.

Dia 10. — Grande resaca por este oceano da Ilha das Cobras, sibilante nordeste, e commemo-ração de S. Francisco de Borja, Jesuita, d'uffice de Gandia, advogado contra os terremotos e padroeiro do Imperio; S. Luiz Beltrão.

Dia 11. — *Alfonso III*, em S. Pedro, beneficio do Sr. José Candido da Silva. Bailê da *Philia*. Primeira trasladação de Santos Agostinho; S. Firmino, B.; S. Germano, B. M.

Dia 12. — *Eruanir*, no Provisorio. S. Cypriano, B. M.; S. Serafino, F. Indulgencia nos conventos dos Capuchinhos.

Dia 13. — Santo Eduardo, rei de Inglaterra, S. Daniel e seus companheiros, MM. FF. Indulgencia nos conventos de S. Francisco e Capuchinhos. Ovas de tainha e bagres a pataca e melão, no mercado.

Dia 14. — Andou a roda da loteria, e o meu numero 25 lá se foi para a Bahia! S. Calixto T. M., S. Gaudencio B. M.

Dia 15. — Lua no Equador. Bailê da *Sylphide*. *Attila*, no Provisorio. Os *Tres Amores*, em Santa Thereza. Cumprimento á SS. MM. H., por ser dia da Santa do Augusto nome da nossa Imperatriz. Santa Thereza de Jesus, V. G., fundadora dos Carmelitas descalços. Visitação no hospital. Entrou o vapor *Prince*.

Dia 16. — Os *Tres Amores*, em S. Pedro. Festa de S. Miguel e Almas, na igreja da Candelaria. Bailê da *Thalia*. A *Escrava Andréa*, em S. Francisco. Chrisma, na igreja de N. S. do Rosario. Lua cheia. N. S. dos Remedios, S. Martiniano, S. Gallo, abbade. Procição do N. S. do Terço. Festa de N. S. da Boa Esperança, na igreja do Carmo, corôto, luminarias e bandeiras, na rua

(*) Para acreditarmos nisto, basta attendermos por um instante á destruição diaria de milhões destes entes, que nunca se extinguem, porque morrem uns e nascem outros.

(*Nota da traductora.*)

dos Tabaqueiros. Prenderão-se 70 desertores e escravos fugidos (mil louvores à policia!)

Dia 17. — Santa Heduyiges, V., duqueza da Polónia. Fui ver uma casa para alugar. Sessão da Academia Imperial de medicina. Enchente extraordinaria de pretendentes ás 50,000 açoes do novo banco. Pagááo-se no thesouro as lollhas das pensoes, meios soldos e monte-pio.

Dia 18. — Baile Recreio dos Militares. S. Lucas Evangelista. Sol vermelho ás 5 horas da tarde. Lua encarnada ás 7. Navio em perigo ás 8 da noite. Sessão extraordinaria da Associação Litteraria Fluminense.

Dia 19. — S. Pedro de Alcantara, padroeiro principal do Imperio.

Dia 20. — O Homem da Mascara Negra, em beneficio do Sr. Francisco York, no theatro de S. Pedro. — Baile Recreio da Mocidade. — Ou ni passe pas, no theatro de S. Francisco, em beneficio de Mr. Crette.

Jámais cuidaríamos destinadas a ver uma procição, pois que desertas as ruas, por onde deveria ella passar, annunciavão apenas esse silencio das seis horas da tarde de um domingo no centro da cidade; mas ás sete felicemente eil-a enlim pela proximidade do Paço, d'onde a vimos.

Lamentamos, que os devotos da Irmandade de Nossa Senhora do Terço não caprichassem mais; pois que o seu andar e o de S. José são completamente ás escuras; o numero de anjos nao foi pequeno; a boa ordem, nem por isso; e a concurrencia, nenhuma.

Nada mais insupportavel á sensibilidade physica que uma boa canelada ou um soffriavel succo na laringe, assim como nada mais cruel a susceptibilidade de qualquer escriptor que o atrevimento de um plagiato!... Eis o facto, um pouco por alto: — Sabereis, leitoras, que em um dos penultimos *Jornais do Commercio*, um Sr. bacharel publicou uma poesia (*sua*, como diz elle), pois bem; o nhôbo, sem mais circumloquios nem satisfações, esqueceu-se que o seu *LI-PRO-VISO* já tinha sido publicado em uma antiquissima ROSA BRASILEIRA, e assignada pelo seu autor — o Sr. A. J. dos Santos Neves.

Mil louvores á ousadia do Sr. LI-PROVISADOR, que no fogo do seu enthusiasmo poetico, esqueceu-se, que do Pindo á que tinha voado seu esteril estro, poderia baixar Apollo offendido para arrancar-lhe as pennas de que se havia revestido, infringindo assim os estatutos do Olympo.

Dizem que o Sr. João Caetano dos Santos está estudando um papel, para representar no dia dous de Dezembro proximo futuro, Segundo o que já houvera prometido, e a creuça que damos ao cumprimento de suas promessas, acreditamos, e desde já podemos assegurar uma completa ovação scenica, para commemoração do faustoso anniversario natalicio do nosso Monarcha, augusto protector das Artes.

Foi com effeito esplendida a festa de Nossa Senhora da Boa Esperança, que os seus fiéis devotos fizeram na igreja do Carmo, em cujos fundos achava-se sua veneravel Imagem inaugurada em seu oratorio suspenso nas regioes dos telhados e proximidades da bibliotheca e cartacumbas.

Pungidoras saudades são as que sinto neste dia, em que o meu coração enlutado presencia as galas com que o solemnisamos... Aquelle que era outr'ora o assumpto das saudações deste dia, aquelle que sempre o contava vindo-o recordar-lhe o nome que haviam escolhido, para sua distincção, bem merecia uma prece por seu eterno repouso neste dia memoravel....

S. Pedro de Alcantara, esse nome que nos alegria pela vida de D. Pedro Seguado, compunge-nos pela idéa do passamento de D. Pedro Primeiro! A lousa desse heróe, desterrado da patria adoptiva que o menosprezou, não pôde recordar-lhe, neste memoravel dia, senão exaltando-se na terribilidade de seu synistro! Lapide funérea, nossas fagrinas te humedecerão, enquanto orgulhosa de teu epitaphio, nem sequer te abrandas para dar animação á esses restos que nos sao tão caros!

Uma nova companhia dramatica, organizada á custa e pericia dos esforços do Sr. Ramos, acaba de achar acolhimento nos bastidores que outr'ora testemunharão os primeiros triumphos do Sr. João Caetano dos Santos. Parabons ao impulso que o Sr. Ramos tem dado á seus companheiros d'arte; e exaltá que a protecção dos fluminenses corresponda á expectativa do incansavel empresario dessa companhia!

Lamentamos hoje com todas as potencias do pezar a sensivel falta que nos faz o Brasileiro insigne, que lá foi mendigar o pão para seus filhos nas cultas plagas de minha provincia natal... Os Fluminenses não o compensarão, pois que o Sr. Florindo, por seu genio artistico e patrioticos sentimentos, deveria ter merecido melhor sorte; deveria ter sido incluido na lista dos mimosos do governo, cuja philantropia se tem estendido até aos mais insignificantes estrangeiros.

— Aceite o Sr. Florindo e seus companheiros os nossos votos pelo seu regresso á esta corte que lhe foi tão ingrata!

Gervina N. P. á S. N.

CHARADA.

Musica	1
Soffa	1
Banda.	

A decifração da charada do n.º 42 é: *Apão*.

Acompanha este n.º uma estampa de mod. los de toucas, mangas e canislinhas.